

Freud, em 1934, teria dado o seguinte testemunho ao escritor Giovanni Papini: “Desde a minha infância, o meu herói secreto é Goethe. Fui capaz de vencer meu destino de um modo indireto e realizei o meu sonho: permanecer um homem de letras sob as aparências de um médico”. A vocação do psicanalista, densa de ambigüidade, é certo, parece ter permanecido como um desejo entre muitos de nós. Psicanálise e arte são campos distintos, mas apresentam um entrecruzamento, colorido tanto por cumplicidades como por rivalidades, e que deve ser explicitado.

Já faz algum tempo que desejávamos elaborar um número temático que focalizasse tanto as relações quanto as contribuições recíprocas entre a arte e a psicanálise. Qual não foi nossa surpresa ao recebermos tantos artigos, que publicamos agora em *Percurso*, podendo desta forma aferir a pertinência e a candência deste tema entre nós.

Mas é interessante poder constatar, agora, depois do número já montado, que a gama de atitudes frente a estas relações é extremamente variada. Os diversos autores partem de perspectivas diferentes, que vão desde uma apropriação do trabalho artístico para com ele ilustrar ou esclarecer conceitos psicanalíticos, até alcançar uma postura oposta, em que se utilizam da reflexão e da recepção estética, e mesmo do ato artístico, na tentativa de promover uma rediscussão epistemológica e clínica dentro da própria psicanálise.

Os artigos, as resenhas e a entrevista publicados neste número de *Percurso*, por psicanalistas ou autores de formação diversa, tecem cada qual a seu modo esta relação, e apontam imbricações com as diferentes ativi-

dades artísticas: contemplam a literatura, talvez a mais explicitamente relacionada com o trabalho psicanalítico, mas estabelecem também elos profundos com a música, erudita e popular, com as artes plásticas, com o teatro, com o cinema e a fotografia.

Mas um tema parece sobressair - o tempo: tempo de muda, tempo de composição, tempo de calendário, tempo de relógio, tempo de espera, tempo e artista, “esculpir o tempo”... espaço temporal, tempo como movimento, tempo como criação. O tempo em psicanálise é reversível, é inovação causal. É tempo que não se conta com o passar dos minutos, é tempo que se conta em narrativas, em imagens sonoras e visuais, em gestos. É tempo em movimento, é tempo de construção, de criação. Na arte e na psicanálise, o que é posto em suspenso é a familiaridade sem surpresas; somos jogados de frente com aquilo que no cotidiano nos recusamos a ver, ou que não nos damos tempo para perceber. No contato com a arte e com a psicanálise, impõe-se uma parada; e neste estancar do tempo, olhamos o mesmo de outra forma, sem os critérios de acerto ou erro, de falso ou verdadeiro: aqui a certeza inexistente ou é plural. Aqui o conhecimento é gerado no fazer.

Percurso alegra-se em oferecer a seus leitores este número de sabor especial, que nos põe em contato com o ato criador, presente tanto no fazer do artista quanto no fazer analítico. Nas palavras do pintor Paul Klee: “o artista não imita o visível, torna visível”. A escuta operante do analista junto ao analisando tem em si a vocação da criação: como no ato artístico, permite a construção das múltiplas realidades de cada um.